

Ano V – nº 34
2 de Julho, 2012

folhaliterária

VITÓRIA NOS MARES DA BAHIA



Fortaleza de São Lourenço:
proteção secular de Itaparica

Boa parte das vitórias dos baianos na guerra pela independência ocorreu na Baía de Todos-os-Santos, e a Ilha de Itaparica desempenhou papel destacado nessas batalhas. A Fortaleza de São Lourenço, construída no começo do século XVIII pelos portugueses, no extremo norte da Ilha, foi um dos palcos das lutas pela independência do Brasil, na Bahia.

Foto: Hilário Freitas – Arte: José Carlos JR.

DESTAQUES

O papel de Itaparica na Guerra de Independência na Bahia

A importância das lutas travadas na Ilha de Itaparica, em artigo de Sérgio Guerra Filho e nas ilustrações do cartunista Maurício Pestana.
Pág. 2

Os Heróis Baianos no Imaginário Popular

Pesquisadoras analisam a forte representação de personagens como Maria Felipa, para alguns, construída pelo imaginário popular.
Pág. 3



Ilustração: Filomena Modesto Orge

Conteúdo Digital

A Biblioteca Virtual Dois de Julho oferece rico acervo para pesquisadores e interessados na História da Bahia. Destaque para os documentos custodiados pelo Arquivo Público do Estado.
Pág. 4

editorial

Ubiratan Castro de Araújo,
diretor-geral da Fundação Pedro
Calmon/SecultBA

Desde 2008, a Fundação Pedro Calmon/SecultBA tem cumprido sua missão como difusora da história e memória da Bahia ao reunir esforços para a ampla divulgação da contribuição dos baianos nas lutas pela independência do Brasil. Temos tornado conhecida e acessível essa história por meio de atividades em nossas bibliotecas, palestras, aulas públicas, publicação de cartilhas, mapas e desta Folha Literária que, a cada ano, vai às ruas ao encontro da curiosidade do orgulhoso povo baiano. O conhecimento desse grande feito se expande pelos municípios da Bahia, por meio da Rota da Independência e das nossas bibliotecas municipais implantadas e modernizadas. Este ano teremos como novidade a publicação de um áudiovídeo livro com as aventuras dos heróis do 2 de Julho narradas em Libras, iniciativa da Biblioteca Anísio Teixeira para que todos os cidadãos tenham a possibilidade de conhecer os defensores da nossa liberdade. Iniciamos os preparativos pelos 190 anos de Independência da Bahia, que serão completados em 2013, com o 1º Passeio Ciclístico 2 de Julho, que partirá do Dique do Tororó em direção ao centro desta cidade, sede da Copa do Mundo de 2014, e arena de grandes lutas pela liberdade, como foi Búzios, Sabinada, Malês e, o 2 de Julho. Essas narrativas estão ao alcance de todos e todas, graças à tecnologia, na Biblioteca Virtual 2 de Julho: www.bv2dejulho.ba.gov.br. Acesse, compartilhe e orgulhe-se da nossa história!

O papel de Itaparica na Guerra de Independência na Bahia

Sérgio Guerra Filho, doutorando em História, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



pela decisiva resistência de pessoas comuns, ou militares menos experientes e armados que os inimigos. Na primeira ocasião, ainda em 10 de julho de 1822, houve desembarque de tropas portuguesas que chegaram a tomar a fortaleza de São Lourenço, mas logo a ilha foi desocupada. Semanas depois os portugueses tentaram desarmar a defesa organizada no ponto do Funil, na contracosta. Desta vez não conseguiram desembarcar. Em outubro, não fizeram mais que bombardear Manguinhos, mas o plano de desembarque não chegou nem a ser tentado.

O grande momento da guerra em Itaparica foi a 7 de janeiro de 1823. Um dia inteiro de fogo cerrado, com diversas embarcações portuguesas atirando contra a costa da ilha, tendo como alvo central o forte de São Lourenço. Ao tentar desembarcar, foram rechaçados duramente, ganhando baixas significativas e por fim regressando, sem sucesso, ao porto da capital portuguesa na Bahia.

Em todos esses episódios é marcante a participação das classes populares. Negros, mestiços e brancos pobres; escravos, libertos e livres; mulheres em grande número. Junto a expoentes como João das Botas, Antônio Lima, Barros Galvão... a memória local impôs a figura de Maria Felipa, liderando suas companheiras contra os soldados lusitanos, lutando dentro d'água, para evitar o desembarque que mudaria a sorte da guerra. ■

Dois de Julho em quadrinhos

As imagens que ilustram esse texto são de autoria do cartunista Maurício Pestana. O artista está ilustrando em quadrinhos a história do 2 de Julho. O lançamento da obra completa, ainda sem data, será realizado pela Fundação Pedro Calmon / SecultBA. Aguardem!

expediente

A **Folha Literária** é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação da Fundação Pedro Calmon / SecultBA, em parceria com a Empresa Gráfica da Bahia (Egba).

Diretor Geral (FPC)

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral (Egba)

Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

Revisão

Diretoria de Livro e da Leitura – DLL

Jornalista Responsável

André Santana DRT BA 2226

Arte e Diagramação

Nelson Araújo

Projeto Gráfico

P55 Design



Para críticas e sugestões: (71) 3116-6918/6919 ou por email: ascom.fpc@fpc.ba.gov.br.



@fpedrocalmon

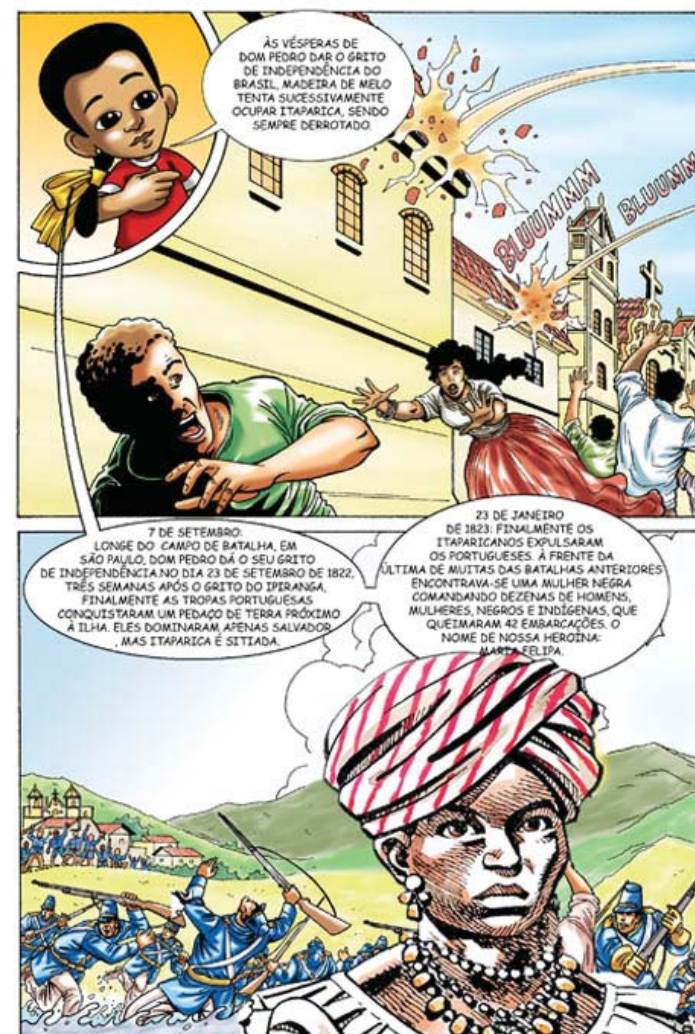


Agora estamos também no twitter e facebook. Nos adicione e fique informado sobre nossa programação e concorra a prêmios. www.fpc.ba.gov.br

A Guerra de Independência ocorrida na Bahia foi uma guerra em que as regiões da então província – e mesmo algumas regiões das províncias vizinhas – viveram dias de intranquilidade, apesar de as batalhas – em terra e mar – terem sido travadas em um número limitado de locais. A Ilha de Itaparica – e sua vila-sede – foi lugar privilegiado nestes tempos tão duros, tendo se mobilizado a favor da Causa Brasileira e tendo sido palco de importantes batalhas.

A posição privilegiada da Ilha em relação à Baía de Todos os Santos, a Salvador e ao Recôncavo fez dela um ponto estratégico durante a guerra. Controlar Itaparica significaria controlar, a um só tempo, o acesso às vias fluviais (Rio Paraguaçu, Rio Subaé, Rio Jaguaripe) que davam acesso às vilas do seu entorno (Nazaré, Cachoeira, Santo Amaro, São Francisco do Conde...) e, por consequência, às rotas por terra para a Chapada Diamantina, Vale do São Francisco e Sertão da Ressaça, que partiam do Recôncavo. A própria ilha era importante produtora de gêneros alimentícios, principalmente farinha, além de estar no meio do caminho entre outra grande área produtora de farinha (Jaguaripe, Marau, Camamu...) e os mais prováveis destinos do produto (Salvador e o Recôncavo).

A disputa por Itaparica significava, portanto, a garantia de acesso a comida para o lado vencedor, e a fome quase certa para o lado derrotado. Assim, a ilha foi alvo de algumas investidas portuguesas, rechaçadas



Os Heróis Baianos no Imaginário Popular

Maria Quitéria, João das Botas, Joana Angélica, Maria Felipa, o corneteiro Lopes, General Labatut e o Tambor Soledade são alguns dos personagens que entraram para o imaginário popular como heróis das lutas travadas no território baiano, em 1823, pela Independência do Brasil. A população se identifica com a coragem dessas figuras e, todos os anos, os reverenciam nas ruas, com fantasias e muito orgulho. Para entender a construção dessas representações populares, o jornalista Fidelis Tavares conversou com exclusividade para a FOLHA LITERÁRIA com a pesquisadora Eny Kleide Vasconcelos Farias e a historiadora Consuelo Pondé de Sena. Confira:



Foto: Divulgação

Eny Kleide Vasconcelos Farias mestre em Educação pela UFBA, tendo estudado Psicologia na UFBA e História da Educação na Faculdade de Educação da Bahia e no Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Metting, onde atualmente é coordenadora. É autora dos livros *Maria Felipa de Oliveira – Heroína da Independência da Bahia* e *Histórias da Praia do Forte contadas pela comunidade*.

Qual a importância de Maria Felipa como representante do povo nas lutas pela Independência da Bahia?

Maria Felipa Oliveira tem uma grande importância para a vitória contra os portugueses no Dois de Julho. Ela representa o povo negro na luta pela Independência. Não foi só ela. Foram mais de 40 mulheres negras, segundo relatos das memórias do povo itaparicano. Não foi o filho e nem o barão, os poderosos da época, que lutaram. Não há um único registro que relate a participação destes filhos abastados, pelo contrário. O que digo qualquer pessoa encontra nos melhores autores que pesquisaram e publicaram sobre o Dois de Julho, a exemplo de Luis Henrique Dias Tavares e Xavier Marques.

Maria Felipa comandou mulheres e homens negros e índios na quei-

“É lamentável que ainda em nossa sociedade “dita branca”, seja difícil reconhecer o feito de uma mulher negra.”

ma de 42 embarcações portuguesas. Alguns relatos dão conta de que Maria Felipa lutou com a tropa de Maria Quitéria

Como a senhora desenvolveu essa pesquisa sobre Maria Felipa?

Eu trabalho com interpretação do patrimônio Natural e Histórico. Foram oito anos de pesquisas para publicar o livro. Maria Felipa chegou a mim no início da década de 1990, quando eu pesquisava sobre quilombos na Ilha de Gameleira. Uma noite uma senhora conhecida como Dona Roxa me perguntou sobre Maria Felipa. E eu respondi que ouvira falar, mas não conhecia a história. Então Dona Roxa me relatou a história das embarcações que foram queimadas sob comando desta heroína. Daí eu fiquei curiosa e comecei a pesquisar a respeito.

Por que ainda há resistência de alguns historiadores em aceitar Maria Felipa como heroína do Dois de Julho?

É porque muitos não aceitam a memória do povo como objeto de pesquisa. Mas existe algo extremamente aceitável do ponto de vista do documento. É lamentável que ainda em nossa sociedade “dita branca”, seja difícil reconhecer o feito de uma mulher negra. Ainda mais por conta da importância que ela tem na luta pela Independência. Mas ela está viva na memória dos negros e principalmente na memória do povo itaparicano. ■



Foto: Divulgação

“Não existe nenhum documento que comprove a existência de Maria Felipa (...), mas se o povo quer fazer dela uma heroína, tudo bem”.

quem criou o Dois de Julho. E hoje a festa continua eminentemente popular. E as figuras emblemáticas dessa festa significam a luta de um povo independente, da classe social.

O que torna os personagens populares em famosos no imaginário dos baianos?

O amor à tradição. Ao longo do desfile do Dois de Julho, as crianças estão fantasiadas dos personagens, dos heróis da Independência. Apesar de hoje faltar um pouco mais de civismo nas pessoas, principalmente os mais jovens. As escolas não ensinam mais, então eles não sabem quem foi Maria Quitéria, não sabem nem o significado do Dois de Julho. Mas o povo é o dono da festa e em muitos baianos as figuras ficaram no imaginário.

Como Maria Felipa, uma dessas figuras do imaginário?

Não existe nenhum documento que comprove a existência de Maria Felipa. Ela é uma personagem de um livro, um romance, escrito por Xavier Marques. A História se baseia no documento, mas se o povo quer fazer dela uma heroína, tudo bem. ■



Ilustração: Filomena Modesto Orge

Hino ao "Dois de Julho"

Nasce o sol a 2 de julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o sol é brasileiro

Refrão
Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações!

Salve, oh! Rei das campinas
De Cabrito a Pirajá
Nossa pátria hoje livre
Dos tiranos não será

Cresce, oh! Filho de minha alma
Para a pátria defender,
O Brasil já tem jurado
Independência ou morrer.

Letra: Ladislau dos Santos Titara
Música: José dos Santos Barreto

ALVES, Lízir Arcanjo. O 2 de Julho na Bahia, Salvador: FPC / , Quarteto
2010. p 90.

Biblioteca temática, especializada na
História da Bahia, que tem como
coleção especial o **Acervo 2 de Julho**,
com publicações, textos, documentos
digitalizados que narram a luta pela
independência do Brasil na Bahia.

BIBLIOTECA VIRTUAL 2 DE JULHO,
uma biblioteca multimídia,
hipertextual e interativa!

Biblioteca
Virtual
2 de julho

www.bv2dejulho.ba.gov.br

FPC.BA.GOV.BR

